



Virada

*Aproveitar, viver bem, arriscar mais,
sorrir, plantar árvores, cuidar dos rios,
educar as crianças para os bons caminhos,
preservando-as em seus presépios,
brindar a esperança,
fazer o melhor possível, sempre.*

*Outros Natais, outros Anos Novos virão,
sucessivamente...
Mas a virada do Milênio
será única:
nascemos num segundo
morreremos no outro.*

Índice

Página

Editorial.....	3
A ciência da sobrevivência.....	4
Histórias da nossa História.....	7
Médicos também brincam.....	8
O silêncio e a fala.....	10
A medalha a quem merece.....	12
Cotidiano de um universitário.....	13
Amigos e guardiões do reino.....	14
Estátua e realidade.....	16
O forasteiro.....	17
O futebol.....	18
A palavra.....	19
Mi primer viaje a Europa.....	20
Incesto.....	21
Arte da música Arte da escrita.....	25
O legado de Brás Cubas.....	26
Nas tardes de domingo.....	27
Alteração da posição dental causada por alguns tipos de grampos.....	29
Ibope cultural.....	30
Poesia única de Augusto dos Anjos.....	33
1-Versos íntimos - 2-A idéia - 3-Vandalismo.....	34
Deus é inefável.....	36
A trajetória.....	37
Todos os medos.....	39
Ela se fez.....	40
Doente estou?.....	41
Polícia civil 146 anos.....	42
Menino de rua.....	44
Somos aviadores ronda.....	45
Concurso (Prêmio Cataratas de contos e poesias).....	46
O dicionário mágico.....	47
Mania de liberdade.....	49
Quem pintou a imagem de Deus.....	53
Para um marido ideal.....	55
Mente sã.....	56
Antologia.....	58

INSTRUÇÕES REDATORIAS

- 1 - A revista ACULFI é publicada sob a orientação do Conselho Editorial, sendo de inteira responsabilidade dos autores os conceitos e idéias emitidos.
- 2 - A publicação será mensal e tem por finalidade a divulgação de ensaios científicos, criação e crítica artística.
- 3 - Os trabalhos apresentados deverão ser encaminhados à presidência do Conselho Editorial, que os enviará ao Comitê de Revisão.
A referida comissão poderá aceitar, recusar ou sugerir modificação no texto.
- 4 - Os trabalhos deverão ser encaminhados ao editor, digitados em software, Microsoft for Windows, versão 4.0/ Win 95, em duplo espaço, conforme as normas da ABNT. Uma cópia impressa deverá acompanhar em anexo o trabalho gravado em disquete.
- 5 - Os textos necessariamente não deverão ultrapassar 5 (cinco) páginas.

EXPEDIENTE

Presidente

Lyrio Bertoli

Secretário Geral

José A. Saraiva

Diretor Cultural

Ildo Carbonera

Orador

Valter Teixeira

Diretor de Com. Social

Ralph

Tesoureiro e Dir. de Patrim.

José Elias Aiex Neto

Representante Argentina

Clara Cruz

Representante Paraguai

Victor Manuel Britez

Conselho Fiscal

Venturino Savaris

Nanci Rafagnin Andreola

Nathaline Granzotto

Ivette Souza Secundino

José A. Saraiva

Terezinha C. de Oliveira

Conselho Editorial Comitê de Revisão

Ralph

Valter Teixeira

Ildo Carbonera

A. H. G. Cunha

Terezinha C. de Oliveira

Rosani Schneider

Raimundo de A. Neto

José A. Saraiva

Martha R. Parahyba

Impressão

Grasmil

Gráfica São Miguel Ltda.

Talvez viver 85 anos seja um tempo muito longo, ou curto demais. O que diriam os dinossauros? E o que diria um velho morador de asilo, que só fez padecer diante dos sacrifícios suportados e dos tratos recebidos dos filhos, noras e genros?

Outra cidade completa 85 anos. Observados por olho sem trave e sem óculos de aumento, há milhares e não centenas de coisas a serem vistas, espalhadas pelas Três Fronteiras do Lado de Cá, onde nós estamos. Todos os que querem, vêem, sabem, sofrem e acreditam.

Esse tempo que passou não é quase nada. Os dinossauros não filosofavam, não liam, nem falavam, nem tinham prefeituras, nem colégios, nem colunas sociais, nem toalhas felpudas, nem camisinhas, nem microfones, nem elogios, nem altares, nem livros, nem revistas e, no entanto, quantos livros, artigos, noticiosos, debates, dúvidas, deslumbramentos, apaixonamentos!

Revista de uma Academia de Cultura não pode provocar tanto estardalhaço, nem inveja, nem dizeres maldosos, nem apaixonados elogios. É apenas mais um espaço, mais uma obra dessas trezentas e tantas que esta cidade pode realizar para o seu próprio bem.

As obras ficam feias quando filtradas pelo olhar crítico de alguns telespectadores que enxergam um pouquinho além do que mostra o colorido da tela.

Talvez alguém tenha mesmo dito, ou faça parte da tradição oral, do folclore adormecido ou assassinado, dos velhos italianos de antigamente, mas o que importa é que o pouco que guardamos nos ajuda a rabiscá-lo aqui: *occhi bisi, occhi de bissa*.

O que fizemos certo, melhoraremos!

Não vivamos mais da inveja, das mesquinhas!

Remédios para as dores de cotovelos, os ciúmes políticos, as perseguições partidárias, os abraços de crocodilo, as críticas almofadinhas!

Os espaços desta revista não estão fechados para ninguém. Há o crivo, uma certa seleção, uma certa preferência. Natural. E o troco pode ser dado com as seguintes moedas: que mundo inteligente, sensível e criativo é esse onde passar a mão na lama e respingar certos riscos numa tela transforma-se magicamente e inexplicavelmente numa obra de arte?

Talvez não seja costume de quem é culto, dedicado e competente ficar implorando elogios nas colunas sociais, apenas isso. O trabalho vale ouro quando feito em silêncio.

Ildo Carbonera
Professor e músico,
Membro da Aculfi

A CIÊNCIA DA SOBREVIVÊNCIA

“O planeta Terra é um ser vivo com identidade própria, o único de sua espécie que conhecemos”. Este era o conceito holístico cultuado no mundo grego antigo.

No século passado, o biólogo alemão Ernest Haeckel(1834-1919), em sua obra

Morfologia Geral dos Organismos, propôs em 1866 um novo nome: ECOLOGIA, uma junção das palavras gregas oikos(casa) e logos(estudo).

Em nosso tempo, o escritor William Golding sugeriu o nome Gaia que foi depois lançado pelos biólogos ingleses Lovelock e sua colega norte-americana Margulis(ex-esposa do astrônomo Carl Sagan-autor da série Cosmos que fez muito sucesso na televisão).

Na França em 1967, o petroleiro Torrey Canion sofre um grande acidente e a questão ecológica passa a ganhar vulto.

As pessoas mais sensíveis(geralmente as mulheres) vêem a Terra como sua moradia e procuram preservá-la, cultivando plantas, amando as crianças (que estão com suas correntes cosmológicas mais atadas à mãe natureza). O ser racional superior que habita Gaia é a mulher.

Dentro de uma escala vibratória, ela é muito evoluída espiritualmente - o verdadeiro *Homo sapiens*. O homem é o seu arremedo. É tanto verdade que O Grande Arquiteto do Universo, “depois de criar o homem segundo sua semelhança e imagem”, pensou (Deus não elucubra): “eu posso fazer coisa melhor”: E Deus criou a mulher.

Em 1972 em Estocolmo, Suécia teve a Declaração Mundial do Meio Ambiente, onde os representantes dos países se decidiram a favor da preservação do solo, da água e do ar, em nome das gerações atuais e futuras. A delegação brasileira defendia o desenvolvimento econômico alegando ser a pobreza “a maior poluição”. Verificamos 27 anos, depois que ficamos ainda mais pobres e o desenvolvimento não atingiu a todos. O “Progresso” que temos hoje, é centrado no capital e não no ser humano. Por isso, o latifundiário Emílio Zamproni desmatou entre 1997 e 1998 3.524 ha da floresta amazônica para a criação de gado bovino. Para ele não importam as implicações meteorológicas e ecológi-

A Declaração Mundial do Meio Ambiente, assinada em 1972 na cidade de Estocolmo, Suécia, decide a favor da preservação do solo, da água e do ar

cas que sua ação nefasta pode trazer. A Amazônia tem a cada ano uma área devastada equivalente à metade do Estado de Alagoas (Alagoas tem 27.933,1 km²). Da Mata Atlântica que se estendia do Rio Grande do Sul ao Ceará, dela existem algumas manchas que representam cerca de 5%.

O mundo hoje alicerça seu desenvolvimento nos recursos naturais não-renováveis. Nada mais prático do que tomar água em um copo descartável e depois jogá-lo fora. Só que esse processo passou milhares de anos para compor aquelas moléculas e o homem destrói em fração de segundos. Quando é jogado no lixo, leva bastante tempo para ser degradado, porque a natureza não criou organismos enzimaticamente preparados para decompor moléculas sintéticas. Destruído com fogo, há liberação de gases tóxicos, entre eles ácido clorídrico (HCl). As moléculas de hidroclorofluorocarbonos (CFC) que entram no processo de fabricação de espumas, chips de computadores, gás freon (usado em refrigeradores, aparelhos de ar condicionado, etc) agredem a camada de ozônio (O₃) situada entre 20 e

35 km de altitude e com 15 km de espessura. E a cada ano seu tamanho aumenta. Isto faz com que a quantidade de raios ultravioletas que atingem a toposfera seja cada vez maior. Também diminui a capacidade de fotossíntese nos vegetais. Nos seres humanos compromete o sistema imunológico, causa câncer na pele e catarata ocular.

“Por que deveríamos preservar o planeta, se não para os nossos filhos e netos?”

(Jacques-Yves Cousteau).

Sob a óptica de Pierre Proudhon, Herbert Marcuse e outros da corrente não violenta do pensamento anarquista, “o melhor governo é aquele que menos governa”. E isto temos hoje, só que de outra forma. O capital governa o mundo. A crise mundial teve como “epicentro” a Ásia e estremeceu toda estrutura econômica global. Os presidentes ficam à mercê do grande capital através dos vasos comunicantes da economia. O Produto Mundial Bruto - PMB ultrapassou a marca de US\$ 30 trilhões e o que se vê é apenas a globalização da miséria.

Os Estados Unidos que possuem cerca de 7% da população mundial, consomem cerca de 1/3 dos recursos não-

Poluição Marinha - Principais Fontes

44% - Vazamento de cargas de combustíveis;
33% - Poluição do ar;
12% - Resíduos do transporte marítimo;
10% - Despejo de lixo;
1% - Produção de óleo e gás em plataforma marítima.

Fonte: World Resources 1996 - 1997

renováveis e 37% da energia produzida no mundo e lá existe mais de um carro para cada habitante. O *modus vivendi* dos ianques é em parte sustentado pelo mundo miserável. E os mentores deste paradigma de desenvolvimento orquestrado por cifrões sabem que tudo que existe na Terra é finito e não há totalidade de recursos disponíveis para todos. Por isto também o desenvolvimento é concentrador, desagregador, elitista e excludente. E o PIB hoje ainda rege a “Orquestra G-7”(grupos dos 7 países mais ricos). Senão vejamos: uma pessoa que despende seu dinheiro em bens supérfluos, o chamado consumista compulsivo e que causa impacto ambiental negativo gera muito mais PIB que um pescador que defende o meio ambiente. Até guerra gera PIB. Um míssil cruze custa mais de US\$ 1 milhão. O custo total da Guerra do Golfo foi de US\$ 102 bilhões para o conjunto dos aliados. Quem sai perdendo arca com os prejuízos.

Os países têm crescimento econômico sem gerar muitos empregos e muitas vezes até desempregando, o que tornará a bola planetária uma bomba social.

É preciso que os governos e sociedade repensem tudo o que já existe, o que não temos, o que queremos e o que precisamos.

A luz no fim do túnel - única solução do planeta - é o desenvolvimento sustentável que “é um processo de aprimorar as condições de vida, enquanto se minimiza o uso de recursos naturais, causando o mínimo de distúrbios e desequilíbrio no ecossistema”(sociólogo e Doutor em economia, Henrique Rattner, 1923).

O paradigma atual que conduz o mundo, esgotou-se porque só atende cerca de 8% da população que é uma minoria. Não dá para vaticinar o atingimento do ponto de mutação.

O filme *Inimigo Meu*, com Dennis Quaid e Louis Gasset Jr., do diretor Wolfgang Petersen, de 1985, mostra que dois archi-inimigos precisam unir suas forças para se livrarem de um inimigo comum como única saída para a salvação.

Quando estivermos quase sem florestas, rios, água potável e oxigênio para respirar, aí, talvez, uma mudança radical seja tomada. Vamos torcer para não chegarmos a esse apocalipse.

Maiores emissores de CO2	
1º - Estados Unidos	
2º - China	
3º - Federação Russa	
4º - Japão	
5º - Alemanha	

Fonte: World Resources 1996-1997

Paulo Ferreira
*Conselheiro do
Centro de Direitos
Humanos de Foz do
Iguaçu-PR, membro
fundador da
Academia de
Cultura de Foz do
Iguaçu, técnico de
Segurança do
Trabalho,
agrometeorologista,
ecologista,
Engenheiro de
Segurança do
Trabalho e Eterno
Aprendiz da Vida.*

1. HISTÓRIAS DA NOSSA HISTÓRIA

Formado no curso de Medicina em 1976, exercendo ininterruptamente esta **nobre mas árdua missão**, vivi incontáveis e inesquecíveis momentos, junto de pacientes e familiares. Sofridos, ora resistentes e corajosos, ora fracos, débeis e deprimidos. Nos momentos difíceis se conhece a verdadeira têmpera do indivíduo, sua fibra, sua garra e capacidade de fé e confiança. Tendo, em registro da memória, passagens interessantes, resolvi resgatar algumas destas histórias, representativas de situações trágicas, ternas, místicas ou, por vezes, até hilárias.

Lembro, neste momento, de meu pai, também médico, meu guia espiritual, meu amigo etéreo, meu conselheiro incorpóreo. Assim como faço neste momento, queria ele registrar as suas experiências profissionais, eternizar momentos da sua e de outras vidas. Infelizmente para nós, sua família, muito precocemente foi convocado por Deus para que, do alto e ao Seu lado, melhor pudesse nos acompanhar, vigiar e, principalmente, abençoar.

- **A você, meu Pai, ofereço com humildade minha intenção**, este singelo trabalho, como forma de início de um objetivo, que já era seu. Saiba, meu Pai, que **em cada vivência de médico, sinto como se reencontrasse sua presença física** porque, a cada passo que dou, tenho a impressão, ou certeza, de seguir os passos que já eram seus.

Valter Teixeira
Membro fundador da
ACULFI

1.1 MÉDICOS TAMBÉM BRINCAM

Era pelos idos de 84, dois anos após minha chegada a Foz do Iguaçu, que esta passagem ocorreu. Um colega neurocirurgião, mais antigo, gostava de cutucar com vara curta a minha “neura”. Fazia brincadeiras jocosas, criava situações de embaraço, tornava-me, com certa frequência, alvo de piadas e risos. Sem dúvida, tudo motivado por um “**jeito de brincar**” dos homens de branco.

Certa feita, madrugada, sono pesado, toca o telefone!

- Doutor, chegou um baleado que está passando mal, solicitamos a sua presença com a máxima urgência!

Sono contido, cansaço esquecido, sonhos interrompidos. Vestimentas postas, maleta em mão, carro desfilando rápido pelas ruas escuras e sonolentas. Exame de pronto daquela pessoa com ferimentos abdominais por projéteis de arma de fogo, calibre 38, mucosas descoradas, anêmicas, pressão arterial em curva descendente, sudorese, taquicardia, taquipnéia, contratura de parede abdominal e sinais de irritação peritoneal. **Típica situação de pré-choque hemorrágico e perfuração intestinal.** Hemorragia interna e perfuração de vísceras ocas, necessidade de intervenção de urgência. Bloco cirúrgico acionado, anestesista, auxiliares, banco de sangue, laboratório, todos dedicados à mesma causa. Mesa cirúrgica, líquidos repostos, antibióticos, indução anestésica. Gesto rápido, lâmina de corte, cavidade aberta. Sangue em profusão, secreções intestinais, clampeamentos, bloqueio da hemorragia, estabilização dos níveis tensionais, diminuição do sufoco.

Duas versões distintas se apresentavam para o caso em questão. A primeira, colocada pelo ferido:

- “Era de noite, tava caminhando e senti sede. Sem querer nada, arresolvi entrá naquela casa prá tomá um pouco de água, nada mais. E aí, bem de traição, apareceu um guarda filho de uma égua, lazarento, que foi atirando nemim. Mas eu sô inocente dotô! Oia bem prá mim e vê se sô home de fazê estas coisa! Eu só queria bebê água, juro pela minha mãe”.

Os policiais, que o conduziram até a Santa Casa, contaram segunda versão, em que ele estaria em atitude de furto, surrupiando objetos e que, após voz de prisão do vigia, ao tentar escapular, foi alvejado.

Para nós médicos, a abordagem técnica independe de razões pessoais de cada um. As manobras visam salvar ou preservar a vida que Deus deu. Não nos compete julgar a moralidade de cada qual.

- Pressão arterial em 110/70mmHg, disse o anestesista. Mantém um pouco de taquicardia mas vai normalizar. Um bom humor invadiu e tomou conta do ambiente. Gestos menos apressados, contida a correria, continuamos nossa missão. Eis que, neste momento, por entre as alças intestinais, encontrei, em situação trágico-cômica, um grande e “belo” **Ascaris Lumbricoides**, em sua forma “minhocóide esbranquiçada”, exteriorizando-se por um dos múltiplos orifícios de bala no intestino delgado, morto e com ferimento pelo mesmo projétil, na sua insignificante cabeça. Lá estava ele, tombado, inerte e exposto. Ferido de morte, sem a mesma sorte de seu hospedeiro. Como por reflexo, lembrei de meu “amigo” neurocirurgião. Por razões de ética profissional, não pretendo revelar seu nome. Prometo que mantereí incólume sua identidade e sua honra. Afinal de contas, os amigos devem manter este respeito. Nada mais informarei a vocês, que sei ser curiosos, além de dizer que ele está na cidade à mais de 18 anos, e que seu primeiro nome começa com “S” e gosta muito de kibe, esfirra e dança do ventre.

Espírito de desforra à flor da pele, tratei de colocar aquele “paciente lumbricóide” por sobre uma mesa especial e, decidido, determinei:

- Enfermeira, por favor, chame o Dr. “S”, diga que estamos com um **trauma crâneo-encefálico** grave e que necessitamos de sua presença com a maior brevidade no bloco cirúrgico.

Assim aconteceu e, em minutos, adentrou naquele ambiente um cirurgião determinado, disposto a intervir na complexa e suposta massa cinzenta ferida.

- Onde está o paciente, perguntou aflito!

- Está ao seu lado, “doutor”, próximo de sua visão e alcance e penso não ser possível mais nada para recuperá-lo, respondi.

Cirurgião e todos da sala a observá-lo com um riso contido e uma gargalhada escondida no peito.

- Seu cachorrão, disse ele, percebendo a brincadeira e o “troco” pelas gozações anteriores. Explodimos em farta e generosa gargalhada. O nosso doente, cuja “sede” saiu cara, tinha seus últimos pontos de sutura efetuados e iniciava retorno à vida consciente. Permanecemos unidos até surgirem os primeiros raios de sol e conversamos como velhos amigos que se querem bem e se respeitam.

Daria um interessante título de pesquisa: **“A influência dos vermes nas amizades interpessoais”**.

Ou, finalizando, diria:

- Os médicos também brincam, graças a Deus!

Valter Teixeira
Membro fundador da
ACULFI

1.2 O SILÊNCIO E A FALA

Era uma noite fria de inverno, coberta por neblina que obscurecia ainda mais a visão e criava um ambiente de mistério na ensolarada Foz do Iguaçu. Dirigia-me à Santa Casa Monsenhor Guilherme, por solicitação do pronto socorrista, para atender criança com dores abdominais que necessitava de diagnóstico e tratamento. Imediatamente fui ao encontro daquele menor enfermo e de seus pais. Estes, humildes e mal vestidos, trouxeram informações truncadas e pouco confiáveis. O **doentinho**, olhar tristonho, cabisbaixo e frágil, apresentava um misto de dor, desconfiança e medo. Após amanhesse e exame físico, já com presunção diagnóstica, indiquei internamento hospitalar, havendo imediata concordância dos genitores. Carente como era, ficaria hospitalizado no setor previdenciário da Pediatria e, portanto, na época, sem acompanhamento de familiares. Atento à ansiedade daquele “**serzinho**” de apenas sete anos de idade, tomei-o pela mão e, paternal, conduzi-o ao leito que lhe fora reservado. Vestido com roupas do hospital, deitado mas com olhar apreensivo, respondia com total mutismo a todas as perguntas que lhe dirigia naquele momento, bem como a todas desde que lá chegara.

- Qual é o seu nomezinho? Não vai falar para o tio? O silêncio e cabeça baixa eram a resposta.

- Quantos aninhos você tem? Fala para mim! Beicinho caído e olhar fugidio era tudo o que apresentava.

- Mostra onde está doendo! Nenhuma reação, total silêncio.

Após várias tentativas frustradas de comunicação, despedi-me com um afago naquela cabeça coberta de crostas e escabiose.

No dia seguinte, manhã ventosa marcada pelo frio que dominou a noite, visitei antes de todos, aquele menino de tantos problemas e tanto silêncio. Mesmo fascies, mesma timidez, mesma postura.

- Parece que ele está um pouco melhor, doutor, disseram as enfermeiras.

- Como vai querido?. Conta para mim se a dor melhorou. Silêncio total e cabeça curvada em “atitude de avestruz”.

Persistente, tomei o menino pela mão e levei-o ao parque singelo da pediatria. Após algumas brincadeiras, quando

um sorriso tênue esboçava naquela face ingênua, fiz com que se aproximasse de outras crianças, mas reapresentou o comportamento costumeiro. Despedi-me e segui minha rotina habitual de trabalho. Durante o dia, telefonei algumas vezes para as enfermeiras daquele setor hospitalar, sempre acompanhando o comportamento e evolução de meu **pacientinho**. Retornei à noite para mais uma visita de praxe. Outra vez sentei junto ao leito daquela figurinha silenciosa e perguntei e insisti e acarinhei, no entanto, a única resposta foi a mesma postura e silêncio. Durante sete dias um médico insistente e um menino persistente comunicaram-se em um longo monólogo. Ora levava revistas infantis, ora alguma guloseima, ora apenas carinho e gestos de bem-querer. Finalmente chega o esperado dia da alta hospitalar, do retorno à casa, do afastamento daquele mundo de branco e remédios. Outra vez sentado ao lado daqueles olhinhos grandes e assustados, insisti derrotado em uma resposta verbalizada.

- Não vai contar para o tio o seu nomezinho?

- Nem ao menos vai contar quantos anos já tem?

- Sendo assim, já que prefere não conversar, vou mandar chamar os seus pais e você poderá voltar para casa. Tchau querido, finalizei, e acarinhei sua cabecinha.

Imediatamente dirigi-me à sala de prescrição médica e passei a proceder a burocracia de alta. Tratava-se de sala pequena, com presença de quatro médicos e três enfermeiras, ambiente de adultos, com vozes, movimentos e aventais, seringas, estetoscópios e esfingomanômetros. Ambiente assustador para uma criança. Sentado estava prescrevendo a receita quando, surpreso, deparei-me com uma figurinha de olhar tristonho, narizinho correndo, vestido de roupas maiores que suas dimensões, junto à porta daquela sala a olhar-me. Inflexível, continuei minhas escritas, desafiando alguma atitude voluntária daquela cabecinha enigmática.

Incrédulo, observei um corpo pequeno, vestido de roupas grandes, avançando em minha direção, desviando adultos e contrariando seus próprios fantasmas. Intencionalmente imóvel, limitei-me a desviar meus olhos para aqueles outros olhos que pele primeira vez me acenavam. Perplexo e recompensado, senti dois bracinhos envolvendo meu pescoço e uma boquinha ingênua colocando em minha face um beijo terno e carinhoso. Nenhuma palavra, inquietante silêncio, retorno espontâneo ao quarto.

Valter Teixeira
Membro fundador da
ACULFI

*Naquele dia de inverno, claro ficou em minha mente
que, por vezes, um gesto mais vale que qualquer palavra.*

A MEDALHA A QUEM MERECE

O dia ainda não amanheceu, o galo canta, madrugada fria e o homem da roça de mãos calejadas desperta para a luta. Há pouco tempo era a enxada, a foice, a carroça e a junta de bois. Atravessadores, desinformação mercadológica, baixa tecnologia, desorganização de classe, pouco lucro e muita esperança.

Lá ia o agricultor, alheio a modismos, sem gírias urbanas, comprar ferramentas e sementes. Com muita esperança. Bom dia Vereador, bom dia Deputado. Quer dizer que na próxima safra os juros para a gente plantar vai ser uma beleza? Ouvi pelo rádio que os banqueiros, o FMI e as multinacionais estão muito preocupados com a gente e com o nosso País! Sim, sim meu grande amigo agricultor, estou entrando com um Projeto-Lei, agora vamos resolver definitivamente estes problemas. Conto com seu voto na próxima. Sim, sim. Com muita esperança.

Se não conseguirmos pagar, o avalista paga ou entregamos nossa terrinha e nossas máquinas ao banco e vamos para a cidade arrumar um promissor emprego, ou abrir uma moderna e competitiva empresa, já que estamos super-preparados para a vida urbana. Com muita Esperança.

Ironia à parte, a luta do agricultor para alcançar um pouco de dignidade dura uma vida toda e as "Medalhas" continuam sendo destinadas a paraquedistas e espertalhões de plantão, desconhecedores e indiferentes à realidade do campo.

Hoje, a luta continua, porém em outras esferas. A Globalização, o subsídio desleal e medidas protecionistas de países competidores, o alto custo de produção, o fraco apoio tecnológico e de pesquisa, a imprescindível mecanização, o plantio direto, a necessidade de maior produtividade, diversificação, qualidade total e outros desafios que se vislumbram a curto prazo, como a ameaça de monopólio na área de sementes e produtos transgênicos. Felizmente, a esperança continua.

A agricultura brasileira, apesar da exclusão de milhares de pequenos produtores, resiste bravamente sem as luzes da mídia, tendo servido de âncora verde para sucessivos planos econômicos e, apesar disso tudo, foi um dos setores que mais cresceu nos últimos anos.

Está mais do que na hora de deixar a hipocrisia de lado, fazer justiça e dar a "Medalha" a quem realmente sempre fez jus neste País, produzindo alimento barato para matar a fome das cidades, pois aquela famosa frase continua fazendo muito sentido em nossos dias: "Se as cidades perecerem e os campos continuarem vivos, as cidades renascerão, mas se os campos fenecerem, as cidades dificilmente sobreviverão".

**Ademar G.
Bianchi**
(Engº O.
Cooperativista)

COTIDIANO DE UM
UNIVERSITÁRIO

Entrei para a universidade, foi um dos momentos mais felizes da minha vida. Raspei a cabeça, tanta felicidade, ou talvez para evitar que os veteranos raspassem no trote? No primeiro dia de aula, veio a primeira frustração, se é que não viriam outras.

A aula era inaugural. Nenhum representante do meu curso, calouros, uns poucos, talvez três por cento do total. Um certo diretor de departamento, ao certo não seria relacionado ao curso de letras, foi o que pensei, o tal deveria nos proteger de piadas de mau gosto. Quando nos dirige a palavra, pede.

- Levanta a mão o pessoal do curso de Administração.
- O que foi prontamente atendido. Não dando a mínima para outros cursos existentes no campus

- O pessoal do curso de Letras, levanta a mão.

Deveria ter uns dez alunos, contando comigo, todos levantaram a mão.

- Vocês optaram pelo curso de letras, por opção ou por ser menos concorrido?

Numa sociedade onde tanto se fala em discriminação, pensei, não teria nenhuma gravidade se feito por alguém de menor importância. Mas deixando de falar em tristezas, vamos às alegrias. Direto ao estacionamento, que alegria, onde pessoas desesperadas em busca de ajuda, para da lama seus carros tirar... Homens com coragem de no barro tafulhar para os carros empurrar. Isso era incumbência nossa, ser solidários, tábuas para fazer pontes em cima das poças, quase intransponíveis, passar. Os pés enlameados, as salas sujas de barro, mas desanimar... nem pensar, tínhamos um objetivo.

Para reivindicar com políticos nos reunimos, mas nada adiantou. No orçamento previsto já estava, porém não saiu, mas naquela lama muita gente caiu, até que outra esfera do poder público interferiu...

Só de rancor não devo narrar, ainda bem, veio o trote do segundo ano de letras, foi maravilhoso, vejam só! Um churrasco de confraternização e de boas vindas. E o trote cultural, muito útil, pois plantamos muitas árvores que aí estão e o sol vai aplacar. Coisas banais? Acho de grã-valia na vida universitária.

Três anos passaram-se, estamos no quarto ano. Aí surgiu a vez de darmos nossa maior contribuição, o provão, que desespero! Sim, porque a universidade e nossos subsequentes colegas esperam de nós esmero, dedicação na realização do provão, porém com a colaboração de todos os formandos, foi tudo bem, acho!

Moisés Vicentin

Elias

Letras / Português

UNIOESTE/ Foz

do Iguaçu

AMIGOS E GUARDIÕES DO REINO

Eu escrevi certa vez, abocanhando os anseios de mais dois colegas de afazeres universitários, a respeito de um grupo restrito de pessoas que decidiram ser *os amigos e guardiões do reino*. Os autores seriam as personagens e estas nada mais além da sombra, da imagem e dos propósitos daqueles. Seria um jogo, seguindo os passos das personagens do Luigi Pirandello: os críticos do tempo afirmavam em seus achados que elas espalhavam mundo afora que ele era “um escritor cruelíssimo e desalmado”. O problema são alguns críticos, nem amigos, nem guardiões.

As personagens da ficção e da poesia só podem viajar mundo afora mantendo-se dentro dos livros. Elas permanecem vivas enquanto livro, poema, conto, romance. Não adianta você virar a página, querendo ver lá atrás os esconderijos poéticos e ficcionais. Quando estiver olhando para uma personagem, pense ser um espelho, e então, milagrosamente, você estará dentro do livro também. Saindo de uma vida de aparências e de hipocrisias, penetrará num universo simulado, inventado, imaginado, mas verdadeiro, o sumo bem das nossas dores, alegrias, angústias e realizações.

A palavra literária é um espelho no espelho. Cada uma delas tem sombra própria. Descobrir seus segredos e artimanhas é trabalho para muitos, quentes e cansativos sóis.

As minhas palavras e as minhas sombras vêm diariamente motivos de muitos risos e diferentes lágrimas. Eu vasculho palavras que não tenham sombra e que mostrem de dentro do meu espelho, da minha alma. Mas as palavras bem ditas sempre são bem perigosas. As mal ditas estão nos diversos microfones armados nos palcos das nossas mais diferentes e coloridas instituições. Dai-me um microfone e vos cantarei das mais belas canções porque há momentos que são sublimes se nós assim os fizermos.

Quais são as chances de uma menina nascida bonita, instigante, marcadamente sensual? que caminhos seguir se há um apenas, obrigatório, por mais nefasto que seja? Como seguir os próprios passos se ainda em menina a barriga já fica de logo logo mamãe? E a outra que nasceu num casebre sem varanda, de janelas sem cortinas de uma ruazinha triste

cheia de maltrapilhos varais com camisas de candidatos que nunca passaram por lá?

Eu prefiro a sombra das palavras porque é mais instigante. É na sombra que encontramos o risco, a novidade, o direito de optar e decidir. Deve ser muito triste a vida de quem tomou uma decisão irreversível. Há tantos caminhos, por que ficar num apenas? Os caminhos construídos pelos humanos levam sempre aos mesmos lugares e destinos. Os grandes e maravilhosos caminhos a seguir são exatamente aqueles que não foram abertos, nem usados, nem ultrajados.

Aos *amigos e guardiões do reino* restam apenas os direitos de pensar e de escrever. Eles estão à sombra, mas loucos para pegar da enxada e passar a vida sob o Sol, sulcando as terras desses tantos que não sabem e nem têm para onde ir.

Ildo Carbonera
Professor e músico
Membro da Aculfi

ESTÁTUA E REALIDADE

Nem só de flores e prédios históricos é feita a Rua XV, no centro de Curitiba. Do gaitero, que é cego mas bom de fole, ao palhaço que imita os passantes no calçadão, surgem a todo instante artistas populares que exibem seus dons e atraem a atenção do respeitável público. Ora é o saxofonista nostálgico, ora é o doce violino a sensibilizar os corações românticos. Há ainda trapezistas, homens que engolem pregos, dançarinos anônimos e cantantes entoando melodias tradicionais da nossa América.

Essa coreografia musical e artística é adornada nas manhãs de sábados por frescas aquarelas, gravuras e quadros coloridos que retratam a vida e eternizam a natureza, além das obras de artesãos, escultores e outros artistas que espalham suas criações na Boca Maldita, dividindo espaço com fazedores de retrato "ao vivo".

Em cada uma dessas manifestações, sempre há um quê de comunicação oculta, prendendo ou hipnotizando a atenção do espectador, principalmente de indivíduos que, de alguma forma, naquele instante precisam de refúgios para burlar a realidade.

Nesse concorrido teatro de multi-shows a céu aberto, mais um personagem entra em cena: *o homem estátua*. Postada num pedestal improvisado no calçadão com vestes cinza-prateado, talhadas provavelmente com gesso líquido para dar a forma e o estilo clássicos, a estátua parece mesmo uma estátua e só ganha vida quando algum dinheiro cai na caixinha de papelão. Quando isso ocorre, ela faz gestos sutis e silenciosos para agradecer, encostando suavemente as mãos sobre o peito e o coração. Em seguida, retorna à sua imóvel perenidade, esperando nova atitude da bondade humana.

A poucos metros dali, o político e orador solitário, contrastando com o sonho e a fantasia, tenta com o microfone encontrar eco em alguma viva alma para o velho discurso, que fala da nua realidade: "*O Brasil vive a pior crise econômica e social de sua história, gerada pela renúncia à soberania nacional e pela absoluta submissão aos interesses da globalizada agiotagem internacional...*"

Ninguém dá ouvidos ao defensor da pátria. A realidade já não interessa mais, a mesmice de sua representação virou um ardoroso nada artístico. Na estátua, o povo não vê sobressaltos. Ao contrário, ela consola a todos com seu ar de eternidade, num misto de perfeição e superioridade. Faz bem à alma. Muito mais que a vã retórica.

**José Alexandre
Saraiva**
*Membro fundador
da ACULFI.*

O FORASTEIRO

Entende-se por forasteiro aquele que veio de fora, está de passagem, não tem vínculos com a região, a não ser um interesse passageiro; diz-se até algumas vezes, de breve momento.

Entretanto, apesar da transitoriedade de determinadas missões, esta pode envolver o “forasteiro” profundamente. A situação de Comandante de Batalhão do Exército, em cidade afastada dos grandes centros, consiste num desses casos, pois não há aquele que deixe de ter uma imensa interação com a Comunidade Local, para levar a bom termo o cumprimento dos objetivos da Instituição naquele rincão.

No corpo dessa interação está a sensibilidade em vislumbrar os anseios da população local, tentando preencher este espaço, amenizar óbices, conduzir a busca de soluções.

Nesse contexto, surgiu a idéia do atual Comandante do 34º Batalhão de Infantaria Motorizado (34º BI Mtz), de FOZ DO IGUAÇU, de contar a história da cidade, posto que esta confunde-se com a chegada do Exército Brasileiro na região. O 34º BI Mtz é a Unidade mais antiga da Zona Oeste do Estado do Paraná, a primeira a representar o Alto Comando de Curitiba na região, sendo mais antiga até que a 15ª Brigada de Infantaria Motorizada - CASCABEL, a Grande Unidade enquadrante operacional do Batalhão.

Sendo assim, decidiu-se selecionar um espaço nobre para contar a história de Foz e do Exército. Dar eco dos relatos dos pioneiros, dizendo como chegaram, o que fizeram. Divulgar peças, objetos, documentos, fotografias que situem os visitantes no contexto de nossa história (já não falo como forasteiro), para que partam sabendo o que dizer quando perguntados sobre o lugar que acabaram de visitar.

A comunidade de Foz do Iguaçu merece esse museu, merece ter sua história contada, merece ser conhecida em âmbito nacional, não somente como a sede das Cataratas ou Itaipu, mas como um logradouro de “Luz Própria”. A cidade de um povo que veio, lutou, lado a lado com o Exército Brasileiro, conquistou seu espaço e, portanto, tem identidade, origem, formação.

Por fim, pretende-se resgatar para o povo de Foz, a inconfundível marca que a denota. Não será mais, tão-somente um “point” turístico do Paraná; será, além disso, a cidade do povo de Foz do Iguaçu, uma gente que tem história, estória e identidade cultural.

***Tenente Cororel
Carlos Galetti
Comandante do
34º B I Mtz***

O FUTEBOL

Éramos da mesma companhia, eu, o ten. Francisco e o soldado Juliano – simplório, pouco letrado, extremamente amigo e muito bom jogador de futebol, tanto que era da equipe do batalhão.

Naquele ano o time de cabos e soldados da nossa companhia havia sido o campeão da Olimpíada do Batalhão.

Novo ano, novos soldados, novas companhias. Eu e o Francisco fomos transferidos. O Juliano que havia engajado também foi. Estávamos novamente os três na mesma companhia.

Nova olimpíada e novamente nossa companhia se torna campeã no futebol, graças aos gols do Juliano, que eufórico nas comemorações encontra a mim e ao Francisco. Este, dirigindo-se ao Juliano, comenta:

- Como é, Juliano, ganhamos novamente!

Ao que Juliano responde:

- É, tenente, mas isso é porque *nóis joga, né tenente?*

O tenente Francisco corrige:

- *Nóis joga não... NÓS JOGAMOS!*

Juliano acrescenta:

- Tenente, o senhor me desculpa, mas o senhor não jogou não, o time era de cabos e soldados. Mas se o senhor quiser, da próxima vez, quando não for jogo da olimpíada, o senhor pode jogar com a gente!

*Cel. Floriano
Peixoto
Membro
fundador da
Aculfi*

A PALAVRA

A palavra, termo latino para vocábulo, denomina substantivos, atos e sentimentos. Usadas no nosso cotidiano, nada mais são que gotas contínuas de nossa expressão.

A palavra, se bem usada, convence, persuade, enlouquece, diverte, emociona, comove e impressiona.

A palavra, quando na voz do bom tribuno, silencia a platéia, para fazê-la em seguida explodir em uma saraivada de aplausos.

A palavra, se bem empregada, sobe ao púlpito, à cátedra ou à tribuna e, como nos tempos da Agora grega, põe as multidões em êxtase.

A palavra tem valor quando bem utilizada por uma voz que rompe como fagulha, elevando-se a uma brilhante retórica, como canhão nas arenas de combate da eloquência.

Muitos foram os mestres da palavra, como Jesus Cristo, o apóstolo Paulo, Demóstenes, Martinho Lutero, Francis Bacon, Rui Barbosa, Getúlio Vargas e outros.

A palavra, enfim, é divina por origem e humana por conveniência habitual.

Fabiano Valliati
Estudante

MI PRIMER VIAJE A EUROPA

- **M**ami, mami.

- ¿Qué?

- Yo quiero ser mariposa y volar como ellas...

!Son tan bellas y hermosas!

- Sí, son bellas y hermosas, pero, lástima que jamás llegan a nada. Son tan inocentes que la madrugada las mata.

Yo quiero que tú vueles con tu imaginación, con ella llegarás muy lejos.

- ¿Hasta dónde?

Hasta donde tú quieras.

- Mami...voy a llevar agua al Árbol de Piedra.

- ¿Aora?

- Sí, hace mucho que no llueve y él tiene sed.

- Vuelve pronto.

- Me llevo mis bichos. Chau, Chau.

Hola arbolito

si me tiras hojitas

yo te doy agüita.

- Niña, ¿a quién le cantas?

- Al árbol, señor. Él también canta conmigo. Está feliz porque yo le estoy lavando los pies.

- ¿Y esos animalitos?

- Son mis bichos... El "Mío" es el venado, el perro "Bibi", la lora "Lora", la regadera "Agüita" y las flores "Florechitas".

- Y tú, ¿cómo te llamas?

- Adivine...

- Tú, "Mariposa".

*Elva Aurora Bitón
Puerto Iguazú*

INCESTO

Ela já não sabia mais quantos médicos consultara. Enquanto aguardava a entrevista com mais um profissional, Maria tentava estabelecer em sua mente um roteiro do seu sofrimento para tentar relatá-lo ao psiquiatra que iria atendê-la a seguir. Ainda estava em dúvida se realmente deveria se consultar com um psiquiatra, já que não se considerava louca. O que sentia era uma incômoda dor no corpo, como se levasse uma surra todos os dias. Os pensamentos apareciam em sua mente aos borbotões e, de repente, sentiu uma vontade enorme de ir embora. Seu marido tentou tranquilizá-la e a convenceu a esperar a consulta.

No consultório do psiquiatra nenhum dos dois sabia o que falar. O profissional, um senhor de aproximadamente sessenta anos de idade e simplicidade nos gestos, pediu que contassem o que estava acontecendo. O marido contou que sua esposa vinha sofrendo de dores constantes em todo o corpo há alguns anos, sendo que já tinham consultado diversos médicos, feito inúmeros exames e não havia melhora.

O psiquiatra escutou tudo pacientemente e fez um histórico da vida de Maria. Finalmente deu seu veredicto: ela estava com uma doença moderna chamada fibromialgia. Com muita paciência explicou ao casal que a tal da fibromialgia não era nada mais nada menos do que o nome científico para um mal extremamente comum nos dias atuais: dor muscular. Não foi difícil entender que as dores que sentia eram causadas por um estado permanente de tensão que

Após o diagnóstico, a orientação terapêutica: Maria deveria tomar antidepressivo e relaxantes musculares

fazia com que a mesma passasse o dia todo com a musculatura corporal contraída. O experiente e tranquilo psiquiatra arrematou: "músculo não foi feito para ficar contraído, mas sim para ficar relaxado. Se você o contrai o tempo todo, ele começa a doer".

Após o diagnóstico, a orientação terapêutica: Maria deveria tomar antidepressivo e relaxantes musculares, além de iniciar uma psicoterapia. O casal, apesar de não enxergar nenhum motivo que justificasse tanta tensão, já que a vida não lhes era madrastra, concordou com a opinião do médico. Ele propôs a Maria a participação em um grupo de psicoterapia que realizava com outras mulheres tensas como

ela. Acordado o início do tratamento, o casal saiu do consultório mais sereno, pois pelo menos ele não lhes pedira uma porção de exames e sua explicação tinha uma certa lógica, apesar de que era difícil entender como uma mulher com cerca de trinta anos, professora, mãe de um filho de onze anos de idade, já tendo casa própria e automóvel, pudesse viver tensa e deprimida.

Na primeira sessão de terapia Maria ficou meio constrangida e não conseguiu abrir a boca. No entanto, ao ouvir as histórias das outras pacientes começou a sentir uma mistura de inquietação com resignação. Inquietação porque muitas coisas que as outras falavam pareciam retiradas de sua vida. Resignação porque começou a perceber que o seu drama não era o pior do mundo.

Enquanto prosseguia o tratamento as dores começaram a diminuir, porém não desapareciam completamente. Havia dias em que elas chegavam até a aumentar, além de que uma alergia antiga volta e meia ainda a incomodava. Tal alergia às vezes a fazia ir dormir na sala, já que achava que era o carpete do quarto que a fazia espirrar.

Em determinada sessão do grupo outra paciente começou a contar que não conseguia sentir prazer e que evitava o assédio do marido colocando roupas compridas e apertadas para dificultar o contato corporal, além de ficar vendo televisão até tarde para que o mesmo dormisse e não a procurasse. Naquele dia Maria começou a perceber que a “alergia” tinha muito a ver com sua dificuldade em aceitar as carícias do marido, pelo qual nutria um sentimento carinhoso, porém não lhe despertava a mínima tesão. Aliás, de repente ela se deu conta de que nunca tivera um orgasmo na vida, porém isso não a incomodava, pois o importante era que ele tivesse prazer.

Em outra sessão de terapia uma outra paciente começou a contar ao grupo que fora abusada sexualmente durante sua infância e que isso a traumatizara profundamente. O choque do grupo foi maior quando outras duas criaram coragem e contaram que também tinham sido vítimas de abuso na infância e adolescência.

Maria começou a lembrar de sua vida, coisa que durante muito tempo não conseguia fazer. Suas lembranças começavam sempre aos quinze anos, quando teve que sair de casa expulsa pelo padrasto, o qual a encontrou conversando com um rapazinho de sua idade. Foi morar em outra cidade, onde teve que batalhar para ganhar a vida e estudar. Conseguiu concluir o magistério e se tornou professora. Durante essa fase difícil encontrou Paulo, seu primeiro e único namorado, o qual a ajudou a vencer as dificuldades. Acabaram

*Conto vencedor
do concurso
Médico Artista,
da Associação
Médica do
Paraná, Prêmio
Muller de
Medicina, 1999*

casando quando ela engravidou acidentalmente, pois as brincadeiras sexuais a que se permitiam não previam penetração. Paulo ejaculou precocemente, como sempre o fazia e faz até hoje, no seu intróito vaginal.

Um dia, o psiquiatra pediu a todas as participantes do grupo que escrevessem suas memórias da primeira infância. Apesar de ser professora, quando tinha que escrever sobre si mesma, em papel, ela sentia uma dificuldade enorme. Era como se tivesse vergonha de se expor. Naquela época caiu em suas mãos um jornal que falava sobre mulheres submetidas a violência sexual. Na matéria jornalística eram elencados os efeitos de tal violência na personalidade da pessoa, incluindo aí um terrível sentimento de culpa. Apesar de voltar a se sentir chocada com os relatos transcritos naquele jornal, Maria não achou que tivesse algo a ver com aquilo. O que a perturbava muito era a dificuldade que tinha de lembrar dos fatos de sua primeira infância.

Maria não conseguia se lembrar do pai, pois ele se suicidara quando tinha sete anos de idade. O que sabia é que moravam em zona rural e que o mesmo bebia muito. Segundo ouvira de algumas pessoas, o mesmo morrer foi um alívio para muita gente, pois ele era briguento e inadequado. Quando apareceu morto boiando em um lago próximo à sua casa a versão aceita foi a de suicídio, apesar de muita gente achar que poderia ter sido assassinato. Sua mãe casou novamente e, aos seis filhos tidos com o pai de Maria, vieram se somar mais cinco, fruto do relacionamento com o novo marido.

Um dia Maria ouviu falar de uma técnica de tratamento chamada regressão e procurou o psiquiatra que a tratava em grupo para ver se ele poderia fazer tal tratamento para ela.

Maria não conseguia se lembrar do pai, pois ele se suicidara quando tinha sete anos

O médico argumentou que poderia fazê-lo, porém as revelações que poderiam advir da regressão poderiam ser muito chocantes para ela. Aceitou mesmo assim, pois a atormentava a vontade de lembrar de sua primeira infância. Nas primeiras sessões não apareceu muito material, pois havia um bloqueio muito grande em sua mente. No transcorrer do tratamento, no entanto, começaram a aparecer algumas cenas dela com a mãe e com um homem simpático e brincalhão, do qual não conseguia distinguir o rosto. Aos poucos começou a vivenciar cenas onde aquele homem a pegava no colo e ficava brincando de cavalinho. Isso lhe dava muito prazer. Durante o processo de regressão Maria não sentia angústia e sofrimento, e isso a deixava bem. A única coisa que a incomodava era não conseguir distinguir o rosto daquele homem que lhe dava tanto

prazer. Em uma das sessões vivenciou uma experiência diferente: o homem estava deitado com ela em uma cama e de repente ela sentiu um objeto diferente no meio de suas pernas. Não era as mãos do homem, mas era algo quente e macio, que não a machucou. De repente ela sentiu que havia um líquido viscoso em sua calcinha, porém isso a não magoou, pois gostara daquela sensação.

Uma noite, no entanto, Maria acordou assustada. Antes de dormir tivera uma relação sexual com Paulo e, pela primeira vez na vida, tivera um orgasmo. Dormiu feliz e relaxada, porém acordou suando frio e desesperada. Paulo dormia profundamente ao seu lado, contente por ter conseguido vivenciar com sua esposa uma relação verdadeiramente prazerosa. Quando acordou pela manhã não a encontrou ao seu lado. Procurou pela casa toda e não a achou em parte alguma. Desesperado ligou para os familiares para ver se ela estava na casa de algum deles. Infrutiferamente procurou-a na casa de amigos. Recorreu à polícia, a qual o informou que fora encontrado o corpo de uma mulher jovem, vestindo apenas camisola e roupas íntimas. Segundo as evidências, a mesma havia se atirado do alto de uma ponte ferroviária que existia na cidade. Paulo correu para o Instituto Médico Legal e, desesperado, identificou o corpo como sendo o de Maria. Em sua face ficara estampado o estupor, como se ela tivesse visto um monstro. Em suas mãos havia uma foto. Paulo reconheceu a mesma: era uma velha foto dos pais de Maria tirada quando do batizado da mesma. Paulo nunca entendeu o que aconteceu.

José Elias Aiex Neto
Membro fundador
da Aculfi

ARTE DA MÚSICA ARTE DA ESCRITA

O valor da arte é o treinamento da faculdade intelectual e da Sensibilidade do ser humano.

Os homens transformam a linguagem da Música e da Escrita na história Universal da filosofia, em um todo indissolúvel.

O conjunto da Música e da Escrita é a perfeita educação para a alma, pois mantém seus movimentos purificados e auto controlados.

Todo ser Humano é dotado de Musicalidade e a voz é seu próprio instrumento.

A Música é poderosa pela perfeita expressão e Harmonia.

Vogais e consoantes formam palavras que expressam a linguagem Humana.

Os Símbolos da Música, acompanhados do som com a união da melodia e harmonia, transmitem a linguagem musical.

Deus deu ao homem o poder de levar, através da Arte da Música e Arte da Escrita, a linguagem que une os povos sem distinção de raça e crença, atravessando horizontes com mensagens de paz, fé e humanismo.

Therezinha Mion
Centro de Letras
do Paraná

O LEGADO DE BRÁS CUBAS

Um governo que não governa, uma Polícia que não policia, uma Saúde que não cura, uma Educação que não educa, um amigo que não acena, um abraço que não abraça. É a anti-história, o mundo do faz de conta. Camuflam-se idéias, palavras, sentimentos. Interpreta-se, representa-se, intenciona-se. Vive-se na sociedade do subjuntivo.

Brás Cubas, personagem machadiana de *Memórias Póstumas*, foi uma pessoa que teve as suas chances de ser feliz. Nasce de pais bons, mas que lhe dão uma formação deformada, criando-o em um ambiente de hipocrisia e mediocridade onde as pessoas eram vazias e fracas. Surge em sua vida aquela que poderia ter sido seu grande amor: Virgília. "Era mulher ideal para ele", segundo o seu pai. Envolve-se na política e é derrotado. Perde também Virgília para Lobo Neves. Brás e Virgília amam-se na clandestinidade, mas tudo já é irremediável. Arranjam-lhe outro casamento, todavia também não dá certo. Finalmente, de fracasso em fracasso ele morre sem ver realizados os seus últimos sonhos.

A vida em "Brás Cubas" é vista como uma sucessão de fracassos, pois está fundamentada em valores falsos e efêmeros. Nem o amor, glória ou poder dão um sentido à existência se essa estiver estruturada na superficialidade e dissimulação. Só depois de morto é que Brás Cubas viu a espantosa miséria que fora a sua vida e termina dizendo: "Não casei, não tive filhos para não lhes transmitir o legado de minha miséria".

Na sociedade "camaleônica" as pessoas são personagens, são atores, são Brás Cubas. No seu poema intitulado "Divórcios", um poeta uruguaio sintetiza bem esse estado:

"Um sistema de desvínculos: para que os calados não se façam perguntas, para que os opinados não se transformem em opinadores. Para que não se juntem os solitários, nem a alma junte seus pedaços.

O sistema divorcia a emoção do pensamento como divorcia o sexo do amor, a vida íntima da vida pública, o passado do presente. Se o passado não tem nada para dizer ao presente, a história pode permanecer adormecida, sem incomodar, no guarda-roupas onde o sistema guarda seus velhos disfarces.

O sistema esvazia nossa memória, ou enche a nossa memória de lixo, e assim nos ensina a repetir a história em vez de fazê-la. As tragédias se repetem como farsas, anunciava a célebre profecia. Mas entre nós, é pior: as tragédias se repetem como tragédias."

**Gerson Luís
Maciel
Professor**

NAS TARDES DE DOMINGO

Antes de tudo e qualquer coisa deixem-me dizer da alegria que sinto em voltar a um espaço da Academia de Cultura de Foz. Alegria que duplica porque Ildo Carbonera assumiu a direção dos trabalhos para a revista. Infelizmente não disponho das menores condições de participação nos trabalhos da Academia, embora isto me corte o coração dolorosamente, afinal seu projeto é aquele no qual acredito como necessário e fundamental para nossa região. Em outra oportunidade, trato deste problema. Agora, gostaria de dar tratos ao pensamento num assunto, em cuja abordagem muitos divergem, por exemplo, Ildo e eu, às vezes.

Em termos gerais, a questão é o julgamento a respeito do *populário massificado*, expressão que pode ter como sinônimo analítico: o folclore das massas do século XX.

Permitam-me, neste momento, dar um nome novo a um fenômeno que vinha sendo chamado de cultura ou manifestação cultural de massas e, desde a investigação de Theodor Adorno, de indústria cultural.

Portanto, para quem conhece o conceito desse filósofo alemão, este nome, que estou propondo - *populário massificado*, traz também uma modificação do conceito, e pode-se dizer que é um novo conceito, irmão daquele de Adorno, com a diferença fundamental que o do nosso pensador dá ênfase à produção cultural que funciona como uma indústria, sobretudo dentro de uma lógica capitalista.

Já o conceito de *populário massificado* remete para um tipo de folclore que é consequência do advento e consolidação da comunicação de massa, surgindo com os primeiros jornais, depois com o cinema, o rádio, a televisão e agora a multimídia computadorizada.

No que diz respeito ao *populário massificado*, muitos são os fenômenos, mas a grande questão é a briga que existe entre o gosto mais popular, o gosto menos popular e o gosto erudito.

Em geral, no atual momento brasileiro, o fulcro da questão são as tardes de domingo.

Não perfilo entre aqueles que querem ficar patrulhando o Gugu e o Faustão, propondo inclusive que a censura

seja reabilitada da maneira mais intervencionista, típica de um regime ditatorial.

Evidente que o xis do problema, no meu enfoque, não é destruir aquilo que eu não aprecio ou que não faz a minha cabeça.

Penso que o que devemos buscar não é a limitação das preferências populares, mas, primeiro, aperfeiçoar a formação estética e, segundo, melhorar as condições de lazer.

Dirão alguns que esta formação e estas condições são fatores de longo prazo. Direi que é melhor pensá-las e prepará-las a partir de já do que violentar - mesmo os gostos duvidosos. Fica difícil a quem não teve acesso ou nunca foi exposto a uma arte mais elaborada encontrar prazer fora daquilo que seus sentidos exigem desde o colo dos pais. Também fica difícil a quem não tem condições de um lazer mais facilitado sair de casa para fazer qualquer coisa que não ir para o trabalho. Assim, ficar em casa, vendo televisão e televisão nas tardes de domingo é tão óbvio e natural quanto esperar que a noite suceda o dia, e o dia, a noite.

Bom, mas tudo não se resume à estética e ao lazer. Pensemos no gosto, nas preferências. É claro que pensar que o nosso gosto é o melhor, o ideal, o único possível, o único tolerável, não passa de um centralismo inconveniente. Digamos, gostocentrismo.

Isto não significa relativização. Trata-se de respeitar as preferências momentâneas, de buscar uma melhor formação e de oferecer alternativas mais diversificadas.

Precisamos a todo custo manter a pluralidade em todos os nossos campos da vida, porque o futuro unificado que aguarda a espécie humana, caso seja implantado com muita rapidez pode vir a ser um constrangimento brutal para quem experimentou uma sociedade conflitiva como a nossa.

A mim incomoda a idéia de que estejamos aqui conspirando contra os gostos do povão, afinal porque não deixar chafurdar quem ri chafurdando?

Sou de fato um liberal orgulhoso e até vaidoso, mas um liberal com um projeto contra a barbárie urbana. E projetar, nesses casos, é diferente de conspirar.

Noutras oportunidades, vamos continuar projetando um futuro para uma estética e um lazer mais substanciais em nossas vidas brasileiras. Um abraço forte para os que fazem a cultura em Foz e região.

Antônio Henrique

ALTERAÇÃO DA POSIÇÃO DENTAL CAUSADA POR ALGUNS TIPOS DE GRAMPOS

A prótese parcial removível (PPR) com estrutura metálica tem sido empregada na odontologia há mais de meio século, na tentativa do restabelecimento da mastigação, estética e fonética dos pacientes parcialmente desdentados. É considerada como um trampolim à prótese total e por isso vários pacientes responsabilizam esse aparelho pela perda de seus dentes remanescentes.

A dentição normal pode ser afetada por dois processos destrutivos: cárie e doença periodontal. A destruição dos dentes remanescentes pode ser acelerada por um ou outro processo se as próteses parciais removíveis não forem bem planejadas e executadas. Portanto, a análise funcional do sistema mastigador no que se refere a oclusão, tipo de arco parcialmente desdentado, situações de implantações dos dentes remanescentes e suporte alveolar é fundamental para o diagnóstico e indicação do aparelho restaurador.

O objetivo principal desses aparelhos deve ser, antes, a conservação do que restou na cavidade oral e, depois, a reposição metódica do que está faltando. Na prática, este objetivo é alcançado em muitos casos, porém, em outros, o aparelho age destrutivamente, tanto em relação ao suporte mucoso e alveolar quanto aos dentes naturais. Com relação ao suporte mucoso e alveolar, este aspecto tem sido estudado por muitos.

A destruição do suporte dental por cárie é freqüente, quando a prótese parcial removível é indicada sem observação do grau de suscetibilidade do paciente. Contudo, em igual proporção, ocorrem as perdas de dentes remanescentes por destruição do ligamento periodontal e osso alveolar, ocasionadas por forças traumáticas transmitidas principalmente pelos grampos.

A análise das forças que incidirão sobre os dentes suportes é realizada em conjunto com o exame clínico e com os modelos de estudos articulados, observando-se as possibilidades de incidência de forças verticais, horizontais e torsionais. Estudando o desenho adequado para resistir a essas forças, Kaires observou que uma barra lingual rígida melhora a resistência contra as forças horizontais.

Outro fator importante no controle dessas forças é a escolha do tipo de prótese parcial a ser indicado. Para tal escolha devemos levar em consideração a manutenção do potencial ósseo, perdas ósseas cervicais, forma, extensão e estabilidade da raiz suporte, extensão do envolvimento periodontal, área e forma do rebordo residual e localização dos dentes remanescentes.

O tipo ideal de prótese é a dento-suportada. Essa prótese transmite as formas oclusais ao longo do eixo do periodonto de sustenta, estimulando o osso alveolar de suporte.

As próteses parciais removíveis (classe III de Kennedy), quando corretamente planejadas e executadas, satisfazem esse requisito de manutenção das estruturas de suporte. Contudo, em consequência da flexibilidade dos braços retentivos dos grampos, falta de efetiva oposição, qualidade de ligas, alterações dimensionais do material de moldagem, gesso e outras que podem ocorrer, muitas vezes essas próteses parciais removíveis agem como aparelhos ortodônticos induzindo forças laterais com movimentação dos dentes suportes.

**Reinoldo Aires
Ribas**

IBOPE CULTURAL

Presença de espírito cultural vem bem a calhar sempre, no céu e na terra, e mesmo para se ter uma idéia de Céu. Ter cultura é bom assim, e é até uma questão de orgulho. A falta de cultura animaliza a pessoa. Aliás, a sociedade pode não querer valorizar, mas sem cultura e ela nem seria o que é.

Sobre o indivíduo, os cultos de longe são diferentes. Sabem que os cartões dos namorados são bestas mas são líricos. Decorações subjetivas das paixões. Nos detalhes o culto conhece bem o quanto está sendo realista. Ah, como são pigegas os que nem sabem a teoria literária que há na vida das pessoas, e nem sabem escrever o que sentem, por isso não são líricos.

Pieguices! E as pessoas nem sabem que a bíblia é romântica e que quem não é culto não irá nunca para o Céu. Ah, “pobres diabos”, para citar o escritor russo. Ultra-Romantismo é ficar à noite fumando e enchendo a cara. Alvares Azevedo que o diga. Nota dez para os cultos e zero, zeríssimo, para os outros cabeças de sapo. Como suportar quem não é culto?

Ninguém pode saber como é bom saber o que é “gênero dramático”, fazer teatro de propósito todo dia e não ficar fazendo drama em casa. Na vida, o ideal ainda é ser equilibrado e saber que isso é um modelo clássico. A Grécia Antiga está viva ainda e hoje tudo ainda é Grécia. Quem sabe disso? Obviamente, só os cultos. A cultura é tão importante, que às vezes chega-se a achar que quem não tem cultura não sabe nem transar também.

Mas ser culto não é só isso, é saber mexer com a linguagem. Expressar-se com figuras e sentir a poesia do pôr-do-sol. Uma pessoa culta pode ser mal paga, mas é inigualável. No amor é inigualável e em tudo. Acontece que os cultos têm bagagem e sabem fantasiar melhor na cama. Verdade!

Ter bagagem é gostar mais do “Carteiro e o Poeta” do que do “Titanic”, por exemplo. E isto é um referencial cul-

tural. Se a pessoa que você ama gosta de duplas sertanejas, por exemplo, trate de amar outra pessoa, porque ela não é nada culta. Só os cultos valem a pena. O resto é jeca. O pior é que ter cultura é raro, quase ninguém tem.

Há no entanto no mundo os cultos completos, na ciência, na música, na literatura. Também há os meia-bola, que se dizem cultos e nem sabem escrever, nem ler, nem pensar e muito menos filosofar. Os cultos completos sabem se comportar, se medicar, se prevenir e observar, curtindo a vida. Os cultos incompletos não, estes não são cultos o suficiente e, por isso, acham que são muito cultos

Sobre Deus, bem, Ele é culto, pois não é besta. Se ele não fosse culto e nada teria feito de bom, mas fez a mulher que inspira músicas e poesia, e se entrega por uma metáfora. Ele também fez as crianças que sonham e sorriem sinceramente quando sorriem. Assim dá pra saber, quem tem cultura está com Deus e quem não é culto não tem salvação. Nessa parte, é pena que os incultos não estejam lendo esta coluna, pois odeiam ler e irão para o inferno também por isso.

Ah, que bom que é ser uma pessoa culta! Ter lido muitos livros, até G. Rosa. Isso mesmo, ler e saber, que diferença a pessoa dos macacos é a cultura geral que ela tem. É maravilhoso ser culto, ouvir *Imagine* do John e saber que é um hino da utopia da paz e do amor. Ouvir no rádio *Quando te vi* com a Simone e saber que é dos Beatles, e saber que Beatles quer dizer besouros e ver um no jardim, à noite, e lembrar que a Jovem Guarda começou em Liverpool.

Os cultos são diferenciados da maioria e ninguém nem percebe. Eles já leram Carl Sagan e sabem que a humanidade existe há menos de um segundo, desde o seu primeiro dia. Também sabem que os avós dos passarinhos, inclusive do beija-flor, eram enormes dinossauros e que um dia um deles voou com seus milhares de quilos pela primeira vez.

Tudo e muito mais. Mas o mais importante do culto é que ele não se deixa levar na conversa pelo padre, nem pela freira, nem pelo pastor dos dízimos, nem pelo político e nem por ninguém que não seja culto também. Os outros, no final, são coitados, pois só o culto é gente completa e sabe entender a vida. Os outros apelam para a ignorância toda hora, não que apelem por apelar, mas por que são mesmo. Os cultos sabem quem é quem, por isso são temidos, no fundo, também. Só que eles são especiais e sabem enganar direitinho

também, para não serem crucificados.

Que maravilha ser uma pessoa culta! Ser um livre pensador sem escrúpulos e nunca ter comprado nenhum disco de Chitãozinho e Chororó, muito menos dos “Zezés”. As pessoas cultas cospem na cara do CD desses caras. Por elas, eles não fariam sucesso nunca e passariam a vida inteira no seu lugar, plantando tomates. Tudo porque quem tem cultura tem classe e valoriza a arte e não o comércio forçado da arte engolida e empurrada goela abaixo. Só os cultos sabem direito o que não é cachorro e o que é animal no Ibope Cultural do rádio e da TV.

Beto Petry
Professor,
músico, escritor
Matelândia/PR

POESIA ÚNICA DE AUGUSTO DOS ANJOS

Poeta de um só livro – imortal sem ser acadêmico, tomou de assalto o gosto popular, exigindo sucessivas reedições de sua obra, que, de tão conhecida, emprestou frases a ditos populares.

O “EU” foi editado em 1912 (edição custeada pelo autor e seu irmão) – sem nenhum sucesso, por sinal; após os anos 40 com o processo gradativo de urbanização do país, aliado ao desenvolvimento industrial, a linguagem musical, prenhe de termos científicos, desenvolvida em decassílabos, permite uma fácil memorização dos seus poemas, pela massa de admiradores – obra produzida no seio dos parnasianos e simbolistas, sem pertencer a nenhuma escola, tão solitária e única, quanto o título individualista escolhido pelo autor.

Augusto dos Anjos, nasceu em 1884, na Paraíba; em 1901 já escreve os primeiros poemas; forma-se em Direito; durante toda a vida foi mais professor do que advogado. Muda-se para o Rio de Janeiro, em 1910 (em 1912 lançaria o seu livro). Em 1914 muda-se para Leopoldina, MG (julho), nomeado diretor de Grupo Escolar; em outubro, adoece, vindo a falecer de problema pulmonar (causa não esclarecida – não era porém, a tuberculose).

Dezenas de livros já foram escritos para analisar o fenômeno Augusto dos Anjos, para uma análise psicológica ou psicanalítica de sua obra, sem se chegar a conclusão alguma – o que explica esse enorme sucesso é, sem dúvida, a qualidade dos seus versos !

Após a publicação do “EU”, foram acrescentadas “Outras Poesias” e “Poemas Esquecidos”, bem como cartas e textos em prosa, que compõem a – Augusto dos Anjos – Obra Completa (Nova Aguilar – 886 páginas – 1994) – enfim uma obra consolidada pelas mais de 50 reedições, madura, depurada pelo crivo do tempo, sonora e perene, forte como as palavras eruditas que mantém a sonoridade dos seus decassílabos, na integridade da força poética que a traduz.

E nada melhor do que poemas, para expressar a força sonora do autor:

1 - VERSOS ÍNTIMOS

Vês ?! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão – esta pantera –
Foi tua companheira inseparável !

Acostuma-te à lama que te espera !
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro !
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija !

1901

2 - A IDÉIA

De onde ela vêm ?! De que matéria bruta
Vem essa luz que sobre as nebulosas
Cai de incógnitas criptas misteriosas
Como as estalactites duma gruta?!

Vem da psicogenética e alta luta
Do feixe de moléculas nervosas,
Que, em desintegrações maravilhosas,
Delibera, e depois, quer e executa !

Vem do encéfalo absconso que a constringe,
Chega em seguida às cordas do laringe,
Tísica, tênue, mínima, raquítica...

Quebra a força centrípeta que a amarra,
Mas, de repente, e quase morta, esbarra
No mulambo da língua paralítica!

3 - VANDALISMO

Meu coração tem catedrais imensas,
Templos de priscas e longínquas datas,
Onde um nume de amor, em serenatas,
Canta a aleluia virginal das crenças.

Na ogiva fúlgida e nas colunatas
Vertem lustrais irradiações intensas
Cintilações de lâmpadas suspensas
E as ametistas e os florões e as pratas.

Como os velhos Templários medievais
Entrei um dia nessas catedrais
E nesses templos claros e risonhos...

E erguendo os gládios e brandinho as hastas,
No desespero dos iconoclastas
Quebrei a imagem dos meus próprios sonhos !
1904

Livro "EU" – Livraria São José

*Isto, uma pequena amostra da densidade do prazer
único de ler esse autor singular – para um prazer reno-
vado, procure o "EU". Boa Leitura!*

Renato Maroja
Médico
radiologista

DEUS É INEFÁVEL*

Ralph Moreira

(Publicado originalmente no jornal
Folha do Iguaçu de 21 a 27 de maio de 1999)

Na edição passada, aflito, pedi aqui "às mulheres rezadeiras e aos homens de fé" que orassem para que Deus misericordiosíssimo fizesse com que minha esposa Risoneuma, então internada na UTI do hospital Costa Cavalcanti se levantasse e, louvando-O e bendizendo-O, retornasse à sua casa no Maracanã.

Agradeço de coração aos que, velando por minha mulherzinha querida e idolatrada, me animaram na luta e me deram um pouco de luz para enfrentar a escuridão em que me vejo: ela se foi depois de lenta, dolorosa, indescritível agonia. Era como um passarinho de asas machucadas de quem eu vivia para cuidar —e cuidava incansavelmente com vontade de que fosse assim pelo resto da minha vida.

Tenho recebido palavras e gestos reconfortantes de dezenas de amigos, tantos que seria difícil nominá-los. Creio firmemente que me refarei de tudo, acredito que, do alto, virá ainda mais força e mais energia para que eu viva. Mas no momento o meu sentimento faz com que eu passe aos Leitores o que tenho na alma, um **soneto de Camões**:

**"Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo dessa vida descontente,
Repousa lá no céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.**

**Se lá do assento etéreo, onde subiste,
Memória dessa vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.**

**E se vires que pode merecer-te,
Alguma coisa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te.**

**Rogo a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou".**

* Título de oração de santo Agostinho.

A TRAJETÓRIA

Uma estrela caiu no firmamento.
Ouvi um suspiro profundo... Nasci.
Cresci... Minha vida começou.
Adulto, tinha uma criança em meu interior.
Penetrei na noite dos tempos. O sol e a lua indicaram-me
a caminhada inevitável.
Sonho e falo comigo...
Solto-me e alço vôo...
Envio uma mensagem para mim, e a compreendi...
O amor é o sentimento maior, e a criação é um laboratório
fundindo água e fogo.
Os homens não entenderam a orquestra da natureza. A
criança em minh'alma entendeu.
Parti...
Flutuando, enfrentei tempestades. Falei comigo, e com
coragem, sonhei...
Dominei-me. Fiquei livre. Alto mar...
Voltei à tona, vi a cascata e o arco-íris. Vi o sol iluminar o
cosmos.
Entre estrelas, vi uma cruz.
A lua tem a pele azul do céu, em sua face, decifrei misté-
rios...
Encontrei-me, e abracei-me em paz...
Encontramo-nos e aconteceu...
Sentimos enorme prazer, no amor.
A lua enfeitava o crepúsculo. Eu era uma fada...
Só a lua viu-me nua e me vestiu.
Foi na praia e o vento dormiu comigo.
Sonhei...
Mergulhei no firmamento, pisei mansinho no céu porque
a luz fez ruído...
Na madrugada fiquei só...
Perdi meu amor. Levou um pedaço de mim.
Meu coração explodiu. Segurei o tempo, mas não pude
gritar.
Sofri calada. Desiludida, emudeci...
Amamenteei-me na lua, na areia, na água e no fogo.
De ontem, sempre me lembrarei...
Do vazio, extraí algo: Deus é Pai e doce como uma mãe.
Pedi a Deus e ELE me fez poeta, ELE é um POETA DOU-

*Interpretação do
livro "O
INFINITO EM
MIM", de Adélia
Maria Woellner,
Presidente do
Centro de Letras do
Paraná, Membro
da Academia
Paranaense de
Letras*

RADO.

Acordei na madrugada e vi um Dragão. Com o olhar perguntou-me, e respondi:

Chorei, sorri, cantei, amei, sofri, mas vivi.

Busquei-me, venci o medo, curei as feridas e registrei minhas emoções.

Segurei o tempo, para sentir saudades. Obrigado Senhor.

No "INFINITO", identifiquei-me. Enviei mensagens à humanidade, depois,

Chorei em silêncio...

Olhei o céu, havia fagulhas... eram os querubins.

Foi a "TRAVESSIA".

Irei tranquila, sem ressentimentos.

No universo não vi o infinito. Ele estava dentro de mim.

Minh'alma cantarolava;

Nasci no mar. Bati-me em rochedos. Dormi na areia.

Ouvi os resposos dos sinos de "ALFONSUS".

Minha'alma suspensa. Voltei aos astros. A cabeça pendeu...

O poema, terminou?

Não, vivo no infinito, que está em mim.

Pedi a Deus... e

Flutuo...

Lyrio Bertoli
Presidente da
Academia
de Cultura de Foz
do Iguaçu

TODOS OS MEDOS

Cconcatena tremas

Em cima
De tuas letras,

Trema
Em tua
Ortografia,

Tema em turma,
Os palácios,
Os muros,
A inconsciência,
A turba,
O gelo,

Tema
O tema da vida
E tema
Também não tê-lo.

*Tibério Fabian
Santos
Estudante de
Filosofia*

ELA SE FEZ...

Ela se fez o azul
no nevoento céu do meu ser
Ela se fez a luz
nos meus dias sem sol
Ela se fez...
Ela se fez as trevas
em minhas noites de luar.

Ela se fez a alegria
em minha triste vida
Ela se fez a animação
na minha vida monótona
Ela se fez...
Ela se fez o desespero
em minha vida de esperanças.

Ela se fez...
Ela se foi.

*João Paulo Burak
Estudante de
Direito de Ponta
Grossa*

Giro, rodo, balanço, penso cair
Mundo treme, pernas bambam
Labirintite?

Frio no estômago, azia, anorexia
Plenitude, saciedade, fome
Gastrite?

Taquicardia, dispnéia, forte apêto,
Ar escasso, mãos geladas, opressão
Doença do coração?

Perco a fala, voz escapa, mudo fico
Grito surdo, sem voz, sem eco
Laringite?

Empalideço, enfraqueço, tombo
Quero morrer ou eternizar tal tempo
Conflitos existenciais?

Olho, não vejo!
Cego estou?

Ouçó apenas batidas do coração
Surdez, doença da audição?

De alfazema perfume sinto,
Sem flores, sem mato e jardim
Alucinação olfativa?

Doente estou?
Infecção me assola?
Ou distúrbio metabólico?
Sim, sei que "doente" estou!
Padeço de amor, por efeitos dos beijos teus!

Valter Teixeira
Membro
Fundador da
ACULFI

POLÍCIA CÍVIL

146 ANOS

1 46 anos!

Salve a democracia!
Salve a cidadania!
Salve a Polícia Civil,
Democrática e cidadã!

Tem hoje 146 anos.

Germinou e nasceu servindo aos propósitos do império.

Imatura, foi braço forte dos ideais autoritários.

Hoje, amadurecida e reconhecida é polícia em busca de justiça.

O nosso legítimo objetivo é a justiça.

Somos a primeira etapa da persecução penal.

Nossa missão, sob o manto da legalidade, é perseguir com destreza e coragem os criminosos, ricos e os pobres. Sem distinção.

Assim aniversaria a Polícia Civil:

Com a perseverança dos delegados,

A vocação dos investigadores,

A perspicácia dos escrivães,

A expressiva contribuição dos operadores e auxiliares

E a colaboração da comunidade

Vamos todos continuar lutando,

Mesmo que por mais um ano,

Pela existência da Polícia Civil.

Porque,

Agora que definiram nossas atribuições,

Querem nos unificar; quando deveriam nos integrar.

Agora que nos libertaram dos desmandos políticos,

Querem nos controlar;

Agora que nos dedicaram um capítulo na lei maior,

Querem nos desconstitucionalizar.

A Polícia Civil quer e aceita reformulações,
Dspe-se do corporativismo.
Não é hora de defender apenas o que é bom para os pro-
motores,
Corenéis ou delegados.
Mas sim, o que impressindível para a melhoria da segu-
rança pública.

Que nas reformas, não sobressaia o interesse de alguns
em detrimento do interesse de todos.

Nesta luta, devemos contar com o entusiasmo dos jovens,
Com a experiência dos mais antigos, convocando todos.

Vale lembrar que a luta existirá enquanto houver vida.
E como recomenda o poeta ao filho:

“Vamos, não chores
A infância está perdida
A mocidade está perdida
Mas a vida não se perdeu”.

*Luiz Gilmar da
Silva
Delegado de
Polícia*

MENINO DE RUA

Hoje, encontrei-o
No meu caminho
Um ser que deveria ser lírico e
Seu pequeno mundo
Cheio de doces visões encantadas,
Mas pediu-me dinheiro ou pão,
Porque tinha fome.
Parecia aborrecido, não sei...
Tentei descobrir o porquê.
Ele olhou-me firme, só então
Pudi ver seus olhos,
Eram tristes,
Perdera a ternura de criança...
Havia revolta, tristeza e
Algumas perguntas sem respostas:
"Por que tenho que pedir ?
Por que ser adulto
Antes mesmo de crescer ?
Por que não posso ser criança também ?"
O sinal abriu, o carro saiu e
Sem resposta ficaram
Aqueles olhinhos tristes.
Resposta que todos sabem,
Menos aqueles olhinhos tristes.
Todos sabem o porquê,
Mas perdem tempo perguntando.
Enquanto perguntam
O menino de rua sofre,
Se distancia, cada vez mais
Vai se revoltando.
Sem carinho, sem alimentação e sem
Educação, sem conseguir crescer,
De ser humano, só terá
O aspecto físico, pois
O sofrimento, o tóxico e o crime
Tirarão dele a característica
De ser humano...
Não basta nascer de uma mulher
Para ser humano.
Ser humano é algo mais.
Quantas vezes um homem
Se transforma no mais terrível animal...
A alimentação, a saúde, a educação e
O direito de ser criança,
Que lhe está sendo
Negado agora, será a pior tragédia,
Será o pranto de todos
Que fecham os olhos para não ver...

*Ivette Souza
Secundino.
Professora de
Português,
Literatura e
Educação Artística.
Artista Plástica,
Escritora. Membro
fundadora da
Academia de Cultura
de Foz do Iguaçu,
PR.*

SOMOS AVIADORES RONDA

Somos aviadores
que vamos a viajar,
sí, sí señores
nos vamos a pasear.

Cruzaremos los ríos
y los mares también
com este avioncito
el mundo trotaré.

A todos los chinitos
yo voy a saludar
también a los negritos
un beso voy a dar.

Seremos amiguitos
para poder jugar
en esta hermosa ronda
todos quieren entrar

Yo hablo el Portugués,
también el Japonés.
Com todos los chiquitos
me quiero yo entender.

Sí, somos aviadores
que queremos volar
volar a otras tierras
para poder jugar ...

*Zunilda Conde,
La Plata,
Argentina*

PRÊMIO CATARATAS DE CONTOS E POESIAS

A Fundação Cultural de Foz do Iguaçu realizou, no dia 8 de novembro último, memorável cerimônia para homenagear os vencedores do Prêmio Cataratas de Contos e Poesias - Edição 1.999. A solenidade teve lugar no Anfiteatro Elias Houagge, do Colégio Educação Dinâmica e contou com a presença de autoridades locais e de escritores e poetas de vários cantos do Brasil.

Os trabalhos vencedores foram:

CATEGORIA CONTO

1º Lugar

Sansara B. R. de Souza, com "O dicionário mágico"
Boa Vista - RR

2º Lugar

Regina Benitez, com "Mania de Liberdade"
Curitiba - PR

3º Lugar

Romário Machado Barbosa, com "Quem pintou a Imagem
de Deus?"
Salvador - BA

CATEGORIA POESIA

1º Lugar

Carmem Lúcia S.C. Koentopp, com "Para um Marido
Ideal"
Curitiba - PR

2º Lugar

Sérgio Alves do Nascimento, com "Mente Sã"
Rio de Janeiro - RJ

3º Lugar

Fabiana Albertin, com "Antologia"
Foz do Iguaçu - PR

PRÊMIO REVELAÇÃO FOZ DO IGUAÇU

Fabiana Albertin, com "Flor em mutação"

A seguir, publicamos, na íntegra, os três trabalhos vencedores nas duas categorias.

O DICIONÁRIO MÁGICO

- Bem, durante nossas aulas de Redação, quero que cada aluno traga seu próprio dicionário. Pediu a professora.

- Mas por que vamos precisar disso? Perguntou uma aluna.

- Para conhecermos mais as palavras e aumentar nosso vocabulário. Respondeu ela.

- Pois, é crianças, como eu já falei, o melhor amigo da gente, na hora de escrever uma redação, é o dicionário.

Quando a professora disse isso, Ivan ficou muito curioso, ele não era muito bom nas aulas de Redação, mas quando soube que esse tal de "Dicionário" poderia lhe ajudar ficou muito contente.

Logo quando chegou em casa, Ivan falou para sua mãe que ele precisava de um dicionário para participar das aulas de redação. E ela respondeu:

- Ora!, Essas professoras de hoje em dia só pensam em fazer com que os pais gastem dinheiro comprando materiais! E além do mais, o que você precisa não é de um Dicionário não, você está precisando é de umas boas palmadas pra ver se toma jeito e começa a estudar mais!

- Mas mamãe!, a professora disse que o Dicionário era o melhor amigo da gente na hora de fazer uma boa redação! Justificou Ivan.

- Que melhor amigo que nada! Não insista porque eu não vou comprar coisíssima nenhuma!! Se você quiser vá ali na dispensa e pegue o dicionário velho de seu pai, que ele guarda há anos! Respondeu a mãe.

Ivan foi até a dispensa e encontrou muitos e muitos livros. O pai dele adorava ler e guardava com muito carinho. Andando pela dispensa, Ivan se aproximou de um livro grande, grosso, pesado, da capa azul-marinho empoeirada e folhas amareladas. Ele bateu a poeira que cobria o título do livro e teve uma surpresa ao ver letras grandes e douradas, que formavam a palavra: "**Dicionário**".

- Achei!!! Achei!!! Gritou Ivan muito alegre.

E quando chegou a aula de Redação lá estava Ivan todo contente com seu dicionário na mão. Os outros alunos ficavam rindo dele, pois Ivan era o único da turma que tinha o dicionário mais velho de todos! Mas ele nem se importava com isso, estava satisfeito do mesmo jeito e durante toda aula, prestou muita atenção.

- Desse dia em diante, Ivan passou a consultar seu dicionário.

onário todos os dias e tirar suas dúvidas. Mas acabou descobrindo outra coisa mais... Seu dicionário era... mágico! Isso mesmo!! Mágico!!!

- Por incrível que pareça, nesse dicionário só existiam palavras que significavam coisas boas! Palavras como inveja, guerra e muitas outras que existem por aí, não faziam parte do vocabulário.

A cada palavra que Ivan procurava, acabava como que “entrando” dentro do dicionário e fazendo uma viagem. Mas de todas as viagens que fez, a que mais gostou foi a da palavra brincadeira.

- O dicionário dava o significado e ainda o levava para um lugar lindo, onde todo mundo vivia brincando o tempo inteiro.

- Até que deu uma vontade de ficar morando por lá, mas ele ainda tinha muitas palavras pra conhecer.

Ivan ficou então maravilhado!! E ficou pensando como seria bom se todas as pessoas tivessem um dicionário igual ao dele e só tivessem em seu vocabulário as palavras mais bonitas que existem.

Seria mesmo ótimo, poder esquecer tanta coisa ruim, tantas palavras feias que as pessoas andam falando por aí.

Mas como isso era meio impossível, Ivan tomou uma decisão muito importante. Resolveu se mudar para dentro de seu dicionário e viver lá para sempre, conhecendo as melhores palavras e fazendo sua eterna viagem.

Os pais do menino sentiram muita falta dele, pois não sabiam para onde ele tinha ido, mas se algum dia eles quisessem encontrar o filho, basta abrir o Dicionário Mágico, e procurarem na letra “I”, o nome Ivan, poi lá está escrito: (Substantivo próprio, significado: O menino mais feliz do mundo).

*Sansara B. R. de
Souza*

MANIA DE LIBERDADE

As máquinas silenciaram. Todas as quarenta máquinas de costura silenciaram quando o chefe entrou. Com olhos de caçador ele espreitava. Vistoriava cada pense, cada zíper, cada ponto da costura. Os dedos em garra puxavam botões, verificando a firmeza e o indicador em lança penetrava caseados, testando o arremate. Às vezes erguia a jaqueta, a calça, o colete que estava sendo trabalhado e levava a peça que analisava até muito próximo dos óculos, vasculhando falhas. Esmiuçando. Era um homem duro e perigoso. As costureiras todas sentiam medo diante dele e quando erguia o pano contra a luz, tentando achar defeitos ou sinais de agulha deixados após a falha corrigida, a responsável pelo erro, pelo pano, pelo episódio, baixava a cabeça com o mesmo gesto humilde que teria diante de um sacerdote que elevasse a hóstia em consagração. - Perdoe-me Senhor porque errei - era o que todas pensavam em dizer nestas horas, olhando as mãos culpadas. Mas nada diziam. Ainda havia um resto de orgulho, de dignidade, sendo cultivado entre elas. Com total desprezo, ele colocava a peça sobre a máquina e no cartão preso na gavetinha da máquina, carimbava a multa.

Quando após olhar todo o trabalho ele saía, havia um instante, um rápido instante em que sentiam a sensação de um espinho que houvesse sido extirpado, mas vagamente se davam conta de que ele ia voltar, ainda ia voltar e o pensamento doía. Nestas horas, as máquinas eram acionadas e elas pedalavam rápidas, tentando produzir muito, muito ruído. A barulheira era o grito de socorro delas, que não ousavam falar. E porque três multas resultavam em demissão, elas temiam e tremiam, à que naquele fim de mundo a fábrica era a única que provia e garantia emprego.

Então, numa brecha deixada por costureira inábil, veio Matilde. - Tão moça! - As outras pensaram - Coitadinha - lamentavam os olhos que se cruzavam. Ela, ali. Inexperiente e alegre. Até cantava enquanto o serviço se cumpria monótono. Era uma garota loirinha, rosto pintado de sardas e boca pintada de vermelho. As unhas também. Em três dias conquistou a todas e elas começaram a temer por Matilde que

refazia as peças sem o menor cuidado. Diante dos gestos tão despreparados dela, assistindo a tanta falta de habilidade, a pergunta apareceu em todas as cabeças: O que faria o chefe? - Afinal, se elas que esgrimiam com agulhas finíssimas contra pontos falhos às vezes deixavam marcas, que dizer de Matilde que usava a tesoura quase num mergulho assassino para romper pontos e que depois desfazia os erros aos arranços, com as mãos, como quem rasgava, deixando aquele caminho defeituoso, aberto, guilhotinado, danificado? - Melhor seria nem se afeiçoar à moça, já que seus dias entre elas estavam contados. No início até se preocuparam e tentaram ensinar, mas Matilde era desatenta e tagarela.

- Não conhece o chefe - conjecturavam as mulheres.

- Enquanto isso, a moça contava que não havia porque ficarem se preocupando tanto com arremates. - Importante é a vida - ela dizia, explicando coisas como direitos trabalhistas e liberdade. Falava também de deveres. Claro que existem deveres. Mas era preciso deixar margem para o erro. Eram humanas e tinham o direito de errar. - Com os olhos as mulheres se consultava e resolveram não se intrometer. Não adiantava mesmo. Matilde fazia de forma que entendia e achava ridículo aquele medo de ter medo de alguém. Era inegável também que uma certa esperança começou a brincar com todas. - E se houvesse razão e verdade no que Matilde afirmava?

- Com certa curiosidade todas aguardavam o encontro daquela moça tão livre, tão espontânea, tão especial, com aquele homem inteiro desagradável, exigente e ríspido. Torciam por ela e até imaginavam o susto do chefe, quando pela primeira vez olhasse para alguém que não baixava os olhos, que enfrentava. - Ele apontaria as falhas e ela ia falar: - É. Não está perfeito. Mas acaso eu sou Deus? Eu não sou Deus. - Saboreavam o espanto dele. A confusão. Talvez que a partir daí tudo mudasse. Aquela garota era um começo. Uma nova era. Pertencia a uma nova espécie de mulheres que não se curvava. Ah, aquela moça ia dizer tudo o quanto elas gostariam de falar. E ia dizer bem alto, de uma forma acintosa: - É Bebê, faça melhor se souber - desafiaria, ridicularizando o homem. Depois sairia de cabeça erguida, porque não era daquelas que baixavam a cabeça. Ninguém dependia dela, inteira livre. E todas aguardavam o dia da inspeção e contavam e recontavam nos dedos o tempo que faltava e se embaraçavam às vezes porque a visita do chefe era às vezes quinzenal

e às vezes não. Enquanto isto, gozavam da companhia dela, daquela alegria toda.

As máquinas silenciavam agora, em certos momentos, para garantir que todas ouvissem o riso, o canto e, principalmente, as palavras dela. Palavras que defendiam a liberdade, a alegria, a vida. - Existe mais de que esta sala - afirmava. - Existem sonhos. Existem árvores que sustentam pincas de flores.

- O tempo passava e mesmo as mais despreparadas quando contavam nos dedos os dias que faltavam para o chefe voltar de viagem com tecidos e realizar a inspeção, concluíam que andava por pouco. As costureiras até sorriam. - Será que Matilde ia lembrar de dizer ao chefe que o tempo de trabalho era excessivo e que todas tinham o direito de viver além da sala? Alisavam o sonho.

- O dia chegou e elas avisaram à moça: - É hoje, é agora.

A porta foi aberta e o chefe entrou. As quarenta máquinas silenciaram. Cabeças abaixadas todas aguardavam o acontecimento único, estranho e até maravilhoso. Um milagre estava prestes a acontecer.

Cuidadosamente ele avaliava cada milímetro de fazenda, máquina após máquina e, possuía tal perícia que sabia exatamente o local onde o problema podia estar disfarçado. Entendia de dificuldade. Sabia.

E se o instante do encontro entre ele e Matilde parecia tardar era se fizera um fato muito esperado, pensado e sanhado. Também havia o fato de ser a máquina dela a vigésima-nona. Havia muito chão para chegar lá. Mas ele ia chegar e afinal, ele chegou. Ergueu com a ponta do indicador a manga toda macerada que ela compunha - É agora, pensaram todas. Matilde vai dizer tudo. Porque gosta da liberdade e pode ser livre, ela vai dizer. Contar da vida, das flores lá fora. Vai dizer que errar é humano...

- Serviço de porco - Ele definiu, largando a manga. E todas elas, trinta e nove mulheres, setenta e oito ouvidos, ansiavam pela resposta e aguardavam cúmplices, apoiando por antecipação cada uma das palavras dela.

De repente, o susto. Estarrecidas, elas viram a companheira curvar a cabeça bem do jeito como elas faziam, até além de como elas faziam e ainda pior: humilhação pura, testemunharam que ela pedia perdão, garantindo que ia se esforçar, tornar-se ótima. Chorando e implorando pelo empre-

go tentou segurar o braço dele, que carimbou a multa e se esquivou ligeiro, impedindo qualquer contato. Olhos presos na marca esverdeada que denunciava a primeira multa, Matilde pediu pelo amor de Deus...

Todas perplexas e ainda mais curvadas assistiram à cena de rebaixamento. Quando o chefe saiu, os rostos se voltaram para ela, que, aflitivamente, limpando as lágrimas, se justificou: É isto daí. Preciso desta droga de emprego. Estou grávida! Eu não sou Deus, sou?

As mulheres entenderam. Ela já não era livre. Como todas as outras não podia mais ser livre para pensar em flores, para viver além da sala, para se entreter na mania de liberdade.

Bem-vinda ao grupo - murmurou a mais velha.

E as máquinas foram acionadas, furiosamente, provocando um barulho enorme.

Afinal, aquele era o único jeito com o qual elas sabiam pedir socorro.

Regina Benitez

QUEM PINTOU A IMAGEM DE DEUS

Aos 11 anos, em 1966, ainda criança, soube de um pastor que faria cura em nome de Deus, no campo da Graça. E, minha mãe, atendeu ao meu pedido, levando-me para que Deus me curasse.

Era um campo enorme com um palco lá na frente. Ficamos bem atrás devido à grande multidão que já se concentrava e que, como eu, ansiava e implorava a Deus por um milagre. Eram enfermos e deficientes de todas as espécies.

Começou a pregação, que durou horas naquele sol quente e escaldante. O pastor mandou que todos colocassem a mão na enfermidade e com fé olhasse para os céus pedindo a Deus que lhe concedesse a graça. Assim fiz. Apertei tanto a perna com as mãos que ficaram marcadas na coxa e o olhar fixo no céu aguardando o milagre, que não veio. Junto a mim tinha um senhor, deficiente visual, que as lágrimas rolavam pelo rosto e ele apertava tanto os olhos que parecia até querer arrancá-los.

De vez em quando apareciam no palco pessoas que se diziam curadas de tumores, caroços e dores. Mas não vi nenhum cego enxergar, enfermo levantar da maca ou aleijado andar. As pessoas, dentro do meu campo de visão, saíram tristes e desiludidas, da mesma forma que entraram.

À noite, rezei, tentando conversar com Deus, e chorando perguntei-lhe por que ele não me concedeu esse milagre. Que pecado tão grande teria uma criança de 11 anos que não merecesse um milagre, já que ele era poderoso, pai e misericórdioso? Tentando entender Deus, pensei: “Ora, Deus é bom. Mas é um só, e ali tinha milhares de pessoas pedindo e ele poderia não ter me escutado no meio daquela multidão que gritava e implorava um milagre”.

Em 1991, já com 36 anos, passei por cirurgias e sofrimentos extremos. Tentando ainda confiar e ter fé nesse Deus, que me ensinaram ser Pai e poderoso, apelei para sua misericórdia. Estava com o alongador na perna há três meses, sem perspectiva de retirar. Eram dores intensas, insuportáveis, levando-me a desmaiar todas as vezes que tinha que mexer com as porcas que alongavam o osso. Numa noite de desespero, véspera de uma revisão com o ortopedista, sozinho em casa, acendi uma vela e somente com a perna direita, ajoelhei-me no chão e, chorando, implorei a Deus que me conce-

desse um milagre, que me livrasse daquele sofrimento. Que, no dia seguinte, o médico constatasse que já poderia retirar o aparelho.

Não contei a ninguém o meu acordo com Deus. No dia seguinte, acordei cedo e fui para o médico. Dentro de mim, estava a certeza de que Deus tinha agido na minha perna durante à noite e que Ele, com o seu poder e misericórdia, me livraria daquela tortura. Dr. Schipper mandou que fizesse uma radiografia e constatou que não havia nem sombra de osso no local, que ficaria mais alguns meses com o aparelho-alongador. Entrei em desespero e briguei com Deus. Ele não havia me atendido, não mostrou para mim que ele era poderoso e misericordioso. Fiquei dias me questionando por que Deus não me atendeu, até me conformar e assimilar minha triste realidade.

Deus era um só, com tantos nesse imenso universo fazendo pedidos, os mais diferentes possíveis, como poderia ter me escutado?

No ano de 1998, o cantor Leandro foi internado às pressas, quando foi constatado um tumor de Askim. Após dois meses de lutar contra esse tumor maligno, veio a falecer. CAUSA MORTIS: a falência de vários órgãos, vítimas do tumor de Askim, que dilacerou seu pulmão direito, invadiu brônquios, veias e artérias.

Foram dois meses de sofrimento e o Brasil inteiro se comoveu com a sua doença. Foram utilizados todos os recursos possíveis que a medicina pôde oferecer. O povo fez vigílias e orações. Alguns fãs mais ardorosos fizeram vigília frente ao Hospital São Luiz, em São Paulo, orando fervorosamente e pedindo a Deus pela saúde e vida de Leandro. Durante a sua convalescência recebeu, de diversas regiões, inúmeras simpatias e receitas, aproximadamente 300 bíblias, terços, 30 mil cartas, 6 mil faxes e milhares de bichinhos de pelúcia.

Isso numa manifestação de carinho e fé que fluía de todas as partes. Foi um país inteiro orando e pedindo a Deus pela vida de uma única pessoa. E, não sei por que, Deus também não escutou.

Uma multidão, cada um fazendo o seu pedido ao mesmo tempo. Deus não escuta. Um único ser desesperado faz o seu pedido, Deus não escuta. Milhares de pessoas confiantes e fervorosas, pedem pela saúde e vida de uma pessoa e Deus também não escuta.

Será que somos nós que não temos mais crédito com Deus? Será que esse Deus que nos ensinaram, que o homem prega e adora, não é uma grande ilusão? Será que o artista religioso, que pintou a sua imagem para a humanidade exagerou nos pincéis e nas tintas, criando uma obra ilusionista? Ou será, ainda, que esse mesmo artista, usando a sua criatividade, não exagerou ao pintar-lhe tantos atributos?

*Romário Machado
Barbosa*

PARA UM MARIDO IDEAL

Se tão louca,
desculpe-me amor,
prefiro a quinta sinfonia
do que o som do aspirador.

Escrever uma historinha,
que esfregar toda cozinha.

Ir a festas de São João;
tem fogueira, tem quentão,
melhor que acender fogão.

Fazer, quem sabe,
um bom cruzeiro,
cantar,
até no chuveiro,
mas nunca limpar o banheiro.

Cruzar o mundo? Que beleza!
Nem precisa sobremesa!

Andar descalça, na grama,
prefiro,
até sem calça,
do que ser boa de cama

Por isso, amore mio
ouça bem o que te digo.
É conselho da vovó.
Agarra o sonho e vem comigo
ou então me deixes só.

Carmem Lúcia
S.C. Koentopp

MENTE SÃ

O corpo que dança
Nunca dança em vão
A dança que embala o corpo
Embelezando a canção

A dança acompanha a humanidade
Desde a sua criação
A dança do guerreiro índio
Combatendo a invasão

Dança negra senzala
Lamento, atabaque, paixão
Dançando o quilombo rebelde
Combatendo a escravidão

Baila o tango argentino
Caliente por tradição
Elegante bailarino
Sensível toque de mão

Dança do sol, dança cigana
Dança à fertilização
Requebra a dança do ventre
Esguio corpo, tesão

A dança na hora do gol
Bebeto, romário, seleção
Embala a arte do gênio
Driblando em completa explosão

Dança lembrando Canudos
Padim Ciço, Conselheiro, Lampião
Na luta por dias melhores
No escaldante sertão

Dança Jackson do Pandeiro
João do Vale e Gonzagão
Dança forró, bem arretado
Xote, xaxado e baião
Música, dança, poesia
Liberdade de expressão
Ilê Ayê, Olodum, Bahia
O grito de uma nação

Dança a Jamaica de Marley
Music-Soul, James Brown
Aniceto, Mestre Fuleiro
O jongo cumprindo a missão
Passa o filho pagodeiro
Cultura e evolução

Em Soweto, a dança da morte
Punho serrado levando o caixão
Mandela, hoje, no meio do povo
Dança festejando o novo
Com a esperança na palma da mão

Dança ao redor da fogueira
Cherokee, Apache, Sioux
Com arco e flexa na mão
Incas, Maias, Astecas, massacre
Zapatistas no México, revolução

A dança dos Orixás
De milenar comunhão
Yalorixá, Mãe Menininha
Capoeira, Mestre Pastinha
Dança, luta, reflexão

Fred Astaire, Ginger Rogers
A arte do corpo falar
Ao som de uma doce canção
Gene Kelly na chuva a dançar
Vôo alto, amplitude

Karlon Dance, dança mídia
Teatro, televisão
Momix, Corpo, Débora Kolker
Espaços em convulsão

Barishnikov, Nureyev
O mundo sem divisão
Fernando Bujones, Ana Botafogo
Dança é um credo, um jogo
Um povo em conspiração

Dança no Elite, na Estudantina
Dança dança de salão
De Jesus, Arôxa, Antonieta
Bailado, rodopio, pirueta
Elegância, romance, paixão

Dança na Sapucaí
Sambódromo, bumbódromo
Trio elétrico, timbali, surdão
Mestre-sala, porta-bandeira
Triângulo, zabumba, pandeiro, violão

*Sérgio Alves do
Nascimento*

Arte e cultura
Alegria e amargura
É a dança expressão da verdade
Um corpo que dança
É a alma que lança
Um brado de força e luz
LIBERDADE!

ANTOLOGIA

É o meu nome, uma simples palavra.
pequena idéia, pura ilusão!...
Sou sombra chamada, nas asas do vento denominada
solidão...

Sou coro dos anjos no pasto vazio;
sou estrela solitária na escuridão.
É meu nome que caminha nas penumbras
sem deixar pegadas no chão!

Sou fogo ardente que lateja de frio;
sou nuvem rubra que a brisa traz
Fui, ainda, leite que corre o rio
Já fui feita de paz!...

Meu nome, ainda hoje, é um calafrio;
uma fuga da realidade, lamento sincero.
É sangue na pele, é neve no peito
e a prisão que me encerro!...

Sou grito que ecoa no horizonte imenso
Sou flor sem pétala, sem chão!
Meu nome? - Procurem no vazio
- Sou solidão!...

Fabiana Albertin



